

#176

Os Direitos Humanos em conferência
Jazz em Agosto **Maratona digital**
com soluções para seniores **Tapetes**
viajantes em exposição **O regresso**
de Amadeo a Paris **O universalismo**
da arquitetura portuguesa



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

60
ANOS

Neste número



JAZZ EM AGOSTO © MÁRCIA LESSA

4

Os Direitos Humanos em conferência

Nos dias 9 e 10, realiza-se na Fundação Gulbenkian a conferência *Os Direitos Humanos e os desafios do século XXI. Globalizar a Dignidade*. Comissariada por Viriato Soromenho-Marques, esta conferência é organizada pela Fundação Gulbenkian, pelo Robert F. Kennedy Center for Human Rights e pelas embaixadas da Áustria e dos Estados Unidos da América. Kerry Kennedy, Ricardo Soares de Oliveira, Conchita Wurst, Miguel Vale de Almeida, são alguns dos oradores convidados para estes dois dias.

6

Jazz em Agosto

A próxima edição do Jazz em Agosto regressa ao Anfiteatro ao Ar Livre já no dia **4 de agosto**. Catorze concertos de música da América do Norte e da Europa,

mas também filmes e palestras prometem animar os fins de tarde e as noites de verão, até dia 14. Os bilhetes já estão à venda e o programa pode ser conhecido na íntegra em Gulbenkian.pt/musica.

14

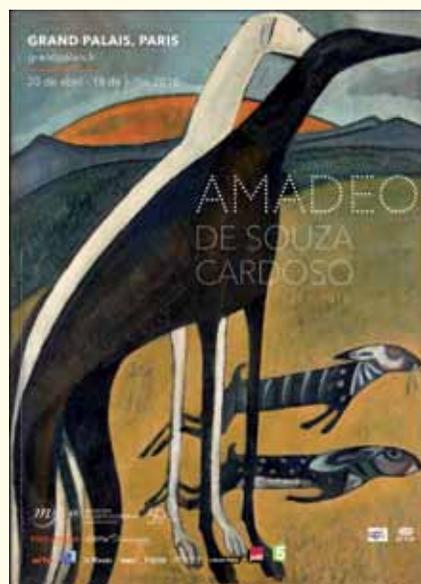
Maratona digital com soluções para seniores

Pela primeira vez, em mais de 40 anos de existência, a Galeria de Exposições Temporárias da Sede da Fundação acolheu uma maratona digital destinada a encontrar soluções para melhorar a vida dos mais velhos. O *Hack for Good* reuniu 36 equipas constituídas por estudantes, médicos, gestores, informáticos, programadores, economistas, designers e psicólogos numa maratona de 30 horas *non stop*. A plataforma Cuidar-e, desenvolvida para facilitar a vida dos cuidadores informais, foi a vencedora desta edição.

25

Tapetes viajantes em exposição

A partir de **13 de maio**, a Galeria de Exposições Temporárias da Fundação exhibe um admirável conjunto de tapetes Kum Kapi que fazem parte da coleção Gulbenkian. Este conjunto será mostrado lado a lado com um tapete contemporâneo da autoria de Mehkitar Garabedian.



26

O regresso de Amadeo a Paris

A frase "tenho mais fases do que a lua" abre a exposição dedicada a Amadeo de Souza-Cardoso no Grand Palais, em Paris. As fases que se revelam agora aos franceses e ao público internacional mostram um pintor exímio e difícil de fechar em estilos ou escolas de pintura, nos seus 30 anos de existência. Uma exposição a não perder, até 18 de julho.

Índice



© CHANGE IS GOOD

30

O universalismo da arquitetura portuguesa

Até ao final de agosto, a Cité de l'architecture et du patrimoine, em Paris, mostra o universalismo da arquitetura portuguesa, numa exposição comissariada por Nuno Grande. Inaugurada em abril, a mostra reuniu os grandes nomes da arquitetura portuguesa na abertura e um conjunto de memórias dos últimos 50 anos.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#176 — MAIO 2016 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / IMAGEM DA CAPA — CAMPO DE REFUGIADOS © DR / IMPRESSÃO — CRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / WWW.GULBENKIAN.PT

Notícias

- 4 Os Direitos Humanos e a globalização da dignidade
- 6 Jazz em Agosto 2016
- 8 Concurso Ideias de Origem Portuguesa
- 10 Plataforma GEOfundos
- 11 Howard Hugues Institute apoia 50 novos cientistas
- 12 Bolsas Human Frontier para dois cientistas do IGC
- 13 Modelo matemático desafia tratamento com antibióticos

Aconteceu

- 14 *Hack for Good*
- 16 Um protocolo para a promoção da Saúde
- 18 Projeto sobre infeção hospitalar com resultados "promissores"
- 19 Espaços renovados na Casa de Portugal em Paris

Conferências

- 20 *Inside a Creative Mind*

Música

- 22 A floresta amazónica invade o Grande Auditório

Arte

- 25 Tapetes viajantes
- 26 O regresso de Amadeo
- 30 O universalismo da arquitetura portuguesa
- 33 Molière: A escrita encenada
- 34 *Hein Semke. Um alemão em Lisboa*

Leituras

- 36 Vergílio Ferreira e Federico García Lorca
- 37 Amadeo reeditado

Impressões

- 38 Amadeo de Souza Cardoso: O último segredo da arte moderna

Os Direitos Humanos e a globalização da dignidade

A visão de um mundo melhor faz correr Kerry Kennedy, filha do antigo senador e procurador-geral dos EUA Robert Kennedy, assassinado cinco anos depois do presidente, e seu irmão, John F. Kennedy.

*Kerry Kennedy será a oradora principal da conferência Os Direitos Humanos e os desafios do século XXI. Globalizar a Dignidade, marcada para os dias **9 e 10 de maio** na Fundação Calouste Gulbenkian.*

Num mundo marcado ainda por muitos desafios e vulnerabilidades, esta conferência pretende discutir questões relacionadas com os direitos civis e políticos, os direitos económicos e sociais, mas também os direitos individuais e de identidade. Comissariada por Viriato Soromenho-Marques, a conferência é organizada pela Fundação Gulbenkian, pelo Robert F. Kennedy Center for Human Rights e pelas embaixadas da Áustria e dos Estados Unidos da América.

No primeiro dia, às 18 horas, o presidente da Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva, e Kerry Kennedy falarão sobre a oportunidade desta conferência e sobre os diversos desafios que se colocam hoje aos direitos humanos, bem como da necessidade de transmitir valores e princípios às gerações mais jovens.

De seguida, na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna, a Companhia de Teatro Bonifrates apresentará o texto de Kerry Kennedy, adaptado pelo dramaturgo Ariel Dorfman, *Diz a Verdade ao Poder. Vozes do Outro Lado da Escuridão*. A peça já foi representada em vários países e será apresentada pela primeira vez em língua portuguesa, em Lisboa. Kerry Kennedy quer que esta peça dê uma "visão do poder do espírito humano" e acredita que, apesar do horror e da crueldade, "há imensa esperança no mundo quando algumas pessoas se comprometem em ações a favor dos direitos humanos". [Os bilhetes para a peça são gratuitos, mas sujeitos ao limite de lugares disponíveis.]

Direitos humanos no século XXI

O segundo dia da conferência contará com a participação de vários oradores nacionais e estrangeiros, divididos por quatro painéis em que serão discutidos os principais temas relacionados com os direitos civis, sociais e individuais, bem como os desafios que o atual século comporta em termos de educação para os direitos humanos.

O discurso de abertura, às 9h30, caberá ao antigo Presidente da República e alto representante das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações, Jorge Sampaio. Nesta abertura haverá ainda tempo para assistir a uma mensagem registada em vídeo do ex-alto-comissário da ONU para os Refugiados, António Guterres.



© ASSOCIATED PRESS

No primeiro painel da manhã estarão em discussão os direitos civis e políticos, com a participação de Ricardo Soares de Oliveira, escritor e professor associado no Departamento de Política e Relações Internacionais da Universidade de Oxford. Soares de Oliveira tem sido uma voz ativa nas questões políticas e empresariais em Angola, voz sobretudo incómoda para o poder de Eduardo dos Santos. A seu lado, terá Anat Biletzki, eminente académica e ativista dos direitos humanos nos territórios ocupados em Israel. Em 2005, foi escolhida como uma das “50 mulheres mais influentes em Israel” pela *Globes*, a revista mensal de negócios israelita, e o seu nome foi integrado na nomeação coletiva “1000 Mulheres para o Prémio Nobel da Paz em 2005”.

Ainda durante a manhã, o painel dedicado aos Direitos Económicos e Sociais reunirá Christian Felber – ativista político e autor do livro *Economy for the Common Good* – com Korinna Horta e Delphine K. Djiraibe. Korinna Horta realizou vários trabalhos de investigação sobre o impacto ambiental e sobre os direitos humanos dos fluxos financeiros internacionais. A advogada chadiana Delphine K. Djiraibe é também uma defensora do ambiente.

A tarde trará a discussão sobre as questões de identidade e direitos individuais. Conchita Wurst, vencedora do Festival Eurovisão da Canção de 2014 e porta-voz dos direitos LGBT, será uma das oradoras. Ao seu lado estarão o antropólogo Miguel Vale de Almeida e a escritora e professora universitária Maria Luísa Ribeiro Ferreira.

A partir das 17h00, e antes da assinatura da Declaração de Lisboa sobre o tema, o debate centrar-se-á no atual século e na educação sobre direitos humanos. Estarão presentes professores universitários e representantes de organizações não governamentais, nomeadamente José Gomes André, João Cardoso Rozas, Francisco Ferreira, Rui Marques, Susana Gaspar e João José Fernandes.

A conferência terminará com as intervenções de Kerry Kennedy e de Viriato Soromenho-Marques.

OS DIREITOS HUMANOS E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI. GLOBALIZAR A DIGNIDADE

*Sala Polivalente do CAM e Auditório 2
Entrada livre*

9 e 10 de maio

Programa completo em Gulbenkian.pt

Jazz em Agosto 2016

De 4 a 14 de agosto, o festival vai apresentar 14 concertos — com atuações de Marc Ribot, Tim Berne, Paal Nilssen-Love, Eve Risser e Ava Mendoza, entre muitos outros —, três filmes documentais, duas conversas sobre música, com Evan Parker e David Toop, e a apresentação do livro The Sound of the North — Norway and the European Jazz Scene.



MARC RIBOT © BARBARA RIGON

A edição deste ano, que coincide com o 60.º aniversário da Fundação, traz formações de diversas tendências da América do Norte e da Europa, que continuam a coabitar no festival.

Para os concertos no Anfiteatro ao Ar Livre, chegam três significativas representações de França: a **White Desert Orchestra**, uma grande formação liderada pela pianista Eve Risser [07 agosto], o quarteto **Petite Moutarde**, com projeções de excertos de filmes de René Clair, Marcel Duchamp e Man Ray [09 agosto], e ainda **Supersonic**, de Thomas de Pourquery, um concerto dedicado à temática de Sun Ra [13 agosto].

Ainda da Europa destaca-se **Z-Country Paradise**, um quinteto alemão, finlandês e sérvio baseado em Berlim, que conta com a voz peculiar de Jelena Kuljic e a mentoria indispensável de Frank Gratkowski [12 agosto], e ainda **Large Unit**, o projeto mais ambicioso do músico norueguês Paal Nilssen-Love, que encerra o Jazz em Agosto 2016 [14 agosto].



- 1 PULVERIZE THE SOUND © PETER GANNUSHKIN
- 2 EVAN PARKER E DAVID TOOP © FABIO LUGARO
- 3 FRANK GRATKOWSKI © DR
- 4 PAAL NILSSEN-LOVE © JOAQUIM MENDES



Além da Europa

A presença do jazz americano no festival revela cinco projetos: Marc Ribot, que regressa com o projeto **The Young Philadelphians + Lisbon String Trio** na abertura do festival [04 agosto], a nova formação em quinteto do projeto **Snakeoil** de Tim Berne [05 agosto], e dois trios radicais: **Pulverize the Sound** com Peter Evans e **Unnatural Ways** de Ava Mendoza [06 e 11 agosto].

Portugal está representado no Jazz em Agosto 2016 com uma associação inédita em estreia mundial, o **Tuba and Drums Double Duo** com o tubista Sérgio Carolino e os bateristas Mário Costa e Alexandre Frazão [10 agosto], e ainda **Tetterepadequ**, um quarteto ítalo-português onde participam o baterista João Lobo e o contrabaixista Gonçalo Almeida Frazão [08 agosto]. Os concertos realizam-se às 21h30.

Conversas e filmes

O Festival propõe também vários eventos de entrada livre na Sala Polivalente: duas sessões de Sharpen Your Needles, um projeto de conversas com **Evan Parker** e **David Toop** sobre as músicas tradicionais que se vão perdendo e a nova música improvisada surgida nos anos 60 [06 e 07 agosto, 18h30]; três filmes documentais, que evocam Peter Kowald e o projeto Electric Ascension do Rova Saxophone Quartet, do catálogo RogueArt, a editora convidada desta edição do Jazz em Agosto [10, 11 e 12 agosto, 18h30]; o lançamento do livro *The Sound of The North, Norway and the European Jazz Scene*, do jornalista italiano Luca Vitali, uma reflexão sobre o jazz norueguês [13 agosto, 18h]; e finalmente, dois concertos a solo de **Paal Nilssen-Love** e **Frank Gratkowski** [13 e 14 agosto, 18h30].

Marc Ribot também atuará em concerto solo, a acompanhar o filme *Shadows Choose Their Horrors*, de Jennifer Reeves, mas desta feita com bilhete a 7,5 euros [05 agosto, 18h30]. Os restantes bilhetes para os concertos do Jazz em Agosto 2016 têm preços entre os 12 e os 20 euros, sendo que este ano existe um passe válido para todos os espetáculos no Anfiteatro ao Ar Livre, disponível por 110 euros.

Concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa 2016

Envolver as mulheres pescadoras na proteção das pradarias marinhas do Sado, promover a brincadeira das crianças no espaço público, mas também implantar nas cidades “árvores” alimentadas com energia solar onde se pode carregar o telemóvel e aceder à internet, são algumas das ideias originais selecionadas para a 5.ª edição do concurso FAZ – Ideias de Origem Portuguesa. Os vencedores são anunciados no dia 3 de junho.

Entre 53 ideias submetidas a concurso, que envolveram participantes de 20 países, incluindo Portugal, já são conhecidos os dez projetos finalistas da 5.ª edição do FAZ – Ideias de Origem Portuguesa, o concurso de ideias de empreendedorismo social promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian e dirigido à diáspora portuguesa. De natureza muito diversa, os projetos apresentados focam-se em questões de sustentabilidade ambiental, de preservação do património cultural, do bem-estar das crianças e das famílias, da educação e solidariedade comunitária, tendo em conta também os estilos de vida contemporâneos.

Das pescadoras do Sado às brincadeiras de rua

O projeto **Guardiães do Mar** pretende responder ao problema da degradação e destruição das pradarias marinhas e o seu impacto no declínio da população de golfinhos do Sado, mas também ao desemprego e à desvalorização social e cultural das mulheres pescadoras. O projeto propõe atividades de sensibilização do público e a monitorização e proteção direta deste habitat, envolvendo a comunidade local de pescadoras.

Brincar livremente no espaço público, em segurança, é a ideia essencial dos projetos **Brincar de Rua**, inspirado na realidade dos países da Europa do Norte, em particular da Alemanha (onde reside uma das promotoras do projeto), e **1, 2, 3 Macaquinho do Xinês**, que se quer afirmar “num tempo em que as ruas são dominadas pelos carros, os vizinhos não se conhecem pelo nome e em que o brincar se tornou altamente organizado, dominado pela agenda dos adultos”. Para isso, o primeiro projeto propõe a formação de “brinconautas”, facilitadores entre as crianças e o ambiente da brincadeira, e o segundo propõe a criação de “grupos de brincar comunitário” e o desenvolvimento de uma plataforma *web* com sistema de localização, que garante que os pais se mantêm em contacto com os monitores enquanto as crianças brincam.

Igualmente dirigido aos mais novos é o projeto **Sociedade do Bem**, um programa de literacia e alfabetização emocional e social que previne a indisciplina, o insucesso escolar e a violência nas escolas, desenvolvendo a empatia, o altruísmo e a positividade nas crianças. **Lua de Leite** chama a atenção para a importância decisiva de cuidados adequados para os casais com bebés recém-nascidos, propondo a criação de uma plataforma onde os pais possam ter acesso a cuidados domiciliários de baixo custo, um projeto inspirado noutros existentes em países como o Reino Unido e os Países Baixos.



© STREET DELIVERY

Educar os jovens para que desenvolvam a sua expressão oral em público é o que pretende o **Eloquentia**, um projeto já está estabelecido em França, em seis universidades e cerca de cem colégios, gratuito e de livre acesso para todos os participantes.

Uma árvore que carrega telemóveis

E se nos jardins e espaços públicos urbanos de grande circulação houvesse “árvores” com *wifi*, alimentadas por painéis de energia solar fotovoltaica, onde qualquer pessoa pudesse carregar o seu telemóvel e outros *gadgets*, e até *scooters* elétricas? Esta é a ideia do projeto **Vtree Solar**, um produto inovador que associa *design* e tecnologia e que pretende responder a problemas de conectividade no quotidiano, democratizando o acesso à rede.

Sensibilizar as pessoas para o conceito de “custo de oportunidade” aplicado ao setor social está entre os objetivos do projeto **O Valor do Dinheiro**, também apresentado a concurso. “O preço de um *smartphone* topo de gama equivale ao vencimento anual de um professor primário na Guiné-Bissau”, exemplifica a plataforma de reflexão sobre o valor do dinheiro e a sua utilização, que já conta com uma versão Beta.

A divulgação da cultura e do património também marca presença neste concurso com os projetos **JazzAqui**, para a promoção do jazz português, propondo, entre outras iniciativas, residências artísticas e a criação de um festival de jazz itinerante fora de Portugal, exclusivamente com músicos nacionais, e ainda o projeto **Pés na Terra e Mãos à Obra**, que pretende salvaguardar a construção em terra, uma prática muito presente no património arquitetónico português, ambientalmente sustentável e que proporciona vantagens térmicas e acústicas às construções.

No valor de 50 mil euros, o prémio deste concurso de ideias de empreendedorismo social é inteiramente destinado ao financiamento dos projetos, dos quais 25 mil euros serão atribuídos ao vencedor, 15 mil euros ao segundo classificado e 10 mil euros ao terceiro. Os projetos vencedores desta edição serão anunciados no dia **3 de junho**, numa cerimónia na Fundação Calouste Gulbenkian, que conta com a presença do Presidente da República.

Plataforma GEOfundos

Como financiar a economia social



No dia **16 de maio**, é lançada na Fundação Calouste Gulbenkian a plataforma GEOfundos, um novo recurso para as entidades da economia social em Portugal, que identifica e agrega informação sobre todos os financiamentos disponíveis para estas entidades, a nível nacional e internacional.

A GEOfundos pretende disponibilizar, numa única plataforma, informação, conhecimento e serviços focados na sustentabilidade e financiamento das entidades da economia social, permitindo que o investimento humano e financeiro na captação de recursos seja otimizado pelo acesso a informações gerais e segmentadas, de acordo com o perfil da entidade, e pelo apoio aos processos de candidaturas.

A economia social em Portugal enfrenta, principalmente, três carências: um grande desconhecimento sobre os financiamentos disponíveis; falta de capacidades e estruturas internas dirigidas para a captação de financiamento; e falta de estratégias de sustentabilidade financeira de médio e longo prazo. Para responder à necessidade de diversificar as fontes de financiamento, a GEOfundos servirá essencialmente como base de dados de fontes de financiamento e recursos financeiros, para as entidades da economia social que assumem inúmeras tipologias organizacionais, com diferentes dimensões e em diversas fases da vida. Esta plataforma também funcionará como centro de aprendizagem e de

recursos, e terá ainda um serviço de apoio em linha.

A apresentação oficial da plataforma contará com testemunhos de entidades que a utilizaram numa fase de teste, e também haverá sessões experimentais e de esclarecimento sobre o seu funcionamento.

A GEOfundos foi desenvolvida por um consórcio que junta a Call to Action, o IES-Social Business School, a Stone Soup Consulting e a TESE – Associação para o Desenvolvimento, com o apoio financeiro e em recursos humanos das fundações Calouste Gulbenkian, EDP, Montepio e PT, e ainda da CASES – Cooperativa António Sérgio para a Economia Social.

Howard Hugues Institute apoia 50 novos cientistas

Um programa internacional de bolsas de investigação que irá apoiar até 50 cientistas de excelência em início de carreira foi lançado pelo Howard Hughes Medical Institute (HHMI) no final de março, com o objetivo de ajudar a desenvolver talentos científicos à escala mundial. Este programa conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, da Bill & Melinda Gates Foundation e do Wellcome Trust. “Estamos muito satisfeitos que se juntem a nós nesta iniciativa a Bill & Melinda Gates Foundation, o Wellcome Trust e a Fundação Calouste Gulbenkian”, afirma o presidente do HHMI, Robert Tjian. “Cada uma destas organizações partilha o compromisso de construir capacidade científica internacional, identificando e apoiando cientistas de excelência em início de carreira que têm o potencial de se tornarem líderes científicos.”

Envolvendo uma verba total de 37,4 milhões de dólares, a cada um dos 50 cientistas selecionados para este programa será atribuída uma bolsa de 650 mil dólares, ao longo de cinco anos. As candidaturas são abertas a cientistas que tenham feito formação nos Estados Unidos ou no Reino Unido, pelo menos durante um ano. Para além disso, os cientistas só serão elegíveis se tiverem os seus laboratórios há menos de sete anos, em países que não façam parte do G7 (Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos) ou alvo de sanções por parte dos EUA. Portugal é, assim, elegível neste concurso.

No lançamento deste programa internacional, o HHMI e os seus parceiros filantrópicos, em que se inclui a Fundação Calouste Gulbenkian, procuram cientistas de topo em início de carreira em vários campos da investigação biomédica, reconhecendo que o apoio institucional é fundamental para que estes cientistas possam montar programas de investigação independentes.

Com sede na cidade de Chevy Chase, Maryland, o Howard Hughes Medical Institute é o maior financiador privado de investigação biomédica nos Estados Unidos. Em 2012, selecionou um primeiro grupo de 28 cientistas em início de carreira que representavam 12 países e que foram escolhidos entre 760 candidatos. Neste grupo contam-se vários investigadores a trabalhar em Portugal, entre os quais dois cientistas do Instituto Gulbenkian de Ciência: Karina B. Xavier e Miguel Godinho Ferreira. Os países com o maior número de investigadores selecionados em 2012 foram a China (7), Portugal (5) e Espanha (5), e a eles se juntaram cientistas baseados em nove outros países: África do Sul (2), Itália (2), Argentina, Brasil, Chile, Hungria, Índia, Polónia e Coreia do Sul.

Os investigadores interessados **podem submeter as suas candidaturas até 30 de junho**, no site do HHMI. Os finalistas serão anunciados em abril de 2017.



Bolsas Human Frontier para dois cientistas do IGC



Ana Domingos e Ivo Telley, investigadores principais no Instituto Gulbenkian de Ciência, foram premiados com as bolsas Jovem Investigador do Programa Human Frontier, no valor de 1,05 e 1,35 milhões dólares, respetivamente, por um período de três anos. Os projetos apresentados envolvem equipas de investigação de outros pontos do globo e são coordenados pelos cientistas em Portugal. Este ano, foram apenas sete os projetos financiados com esta bolsa. Ana Domingos, líder do grupo de investigação de obesidade, estuda os mecanismos neuronais responsáveis pela degradação da gordura. Agora irá colaborar com grupos de investigação nos EUA e na Alemanha para compreender melhor a anatomia dos neurónios que rodeiam a gordura e a função que têm, combinando técnicas sofisticadas de genética e microscopia optoacústica. A investigadora refere que “para encontrar uma cura para a obesidade, temos de estar na vanguarda da investigação em obesidade, o que muitas vezes requer interdisciplinaridade e disponibilidade para correr riscos”.

Por seu lado, Ivo Telley, líder do grupo de investigação de Princípios Físicos da Divisão Nuclear, estuda o posicionamento do núcleo dentro da célula e o papel do esqueleto da célula neste processo. Neste projeto, junta forças com grupos na Áustria, Espanha e Singapura para “reconstruir” bioquimicamente a organização espacial e temporal das moléculas numa célula artificial, e visualizar o processo usando tecnologia de microscopia de ponta e de alta resolução. Para Ivo Telley, o programa Human Frontier “tem um papel central no apoio a projetos de investigação de alto risco, como este, e é ao mesmo tempo prestígio e de extrema importância para a ciência”.

Modelo matemático desafia tratamento com antibióticos



A resistência a antibióticos é um dos principais problemas da medicina moderna. Na presença de resistência, causada pelo uso indevido ou abusivo de antibióticos, os tratamentos existentes tornam-se menos eficazes ou não funcionam de todo. Como a descoberta de novos antibióticos não acompanha a velocidade a que as resistências se desenvolvem, é importante promover um uso mais racional dos medicamentos disponíveis. As investigadoras do IGC, Erida Gjini e Patrícia Brito, desenvolveram um modelo matemático para avaliar o melhor protocolo de tratamento para eliminar uma infecção, tendo em conta o papel do sistema imunitário. Este estudo foi publicado na última edição da revista científica *PLoS Computational Biology*.

De modo a compreender de que forma o problema de resistência a antibióticos pode ser minimizado sem comprometer a saúde dos pacientes, as investigadoras utilizaram análises matemáticas e simulações computacionais para comparar tratamentos com dose e duração fixas de antibiótico, com tratamentos onde a dose e a duração acompanham os sintomas do paciente. Além da taxa de crescimento do patógeno e da dosagem de antibióticos, as investigadoras incluíram também no modelo informações sobre o sistema imunológico do hospedeiro. Com este modelo, pode-se “quantificar a forma como a resposta do sistema imunitário, juntamente com o *timing* apropriado, a dosagem e a duração da terapia, determinam o sucesso ou fracasso do tratamento com antibióticos” explica Patrícia Brito. Erida Gjini refere ainda que: “A otimização de tratamentos na era da medicina personalizada irá necessitar cada vez mais de indicadores quantificáveis da resposta do sistema imunitário do hospedeiro, da patologia e dos processos de recuperação durante a infecção.” As abordagens matemáticas e computacionais, como a utilizada neste estudo, serão fundamentais para integrar essas informações na prática clínica.

Hack for Good

A plataforma Cuidar-e, desenvolvida para facilitar a vida dos cuidadores informais, venceu a primeira edição do Hack for Good, uma maratona de tecnologia com impacto social.



Nos dias 23 e 24 de abril, a Galeria de Exposições Temporárias da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian transformou-se num laboratório de experimentação tecnológica para enfrentar os desafios do envelhecimento ativo – o tema desta “hackathon” – e acolheu 36 equipas constituídas por estudantes, médicos, gestores, informáticos, programadores, economistas, *designers* e psicólogos. Ao longo das quase 30 horas que durou esta maratona, 157 participantes, na sua maioria provenientes do Norte do país, contaram com o apoio de mentores e tiveram o *feedback* de uma equipa de “avós” que testaram as soluções em desenvolvimento.



Hackathon



Ao fim da tarde de domingo, eram finalmente revelados os vencedores desta competição. A plataforma online **Cuidar-e** arrecadou o primeiro prémio: um cheque no valor de cinco mil euros; licenças da IBM por um ano, no valor de 10 mil euros, para o desenvolvimento de produtos e serviços úteis para soluções tecnológicas; e ainda um convite para participar na AAL, um dos mais relevantes eventos internacionais de tecnologia, que terá lugar na Suíça em setembro deste ano. Facilitar a vida aos cuidadores informais (pessoas que têm a seu cargo familiares idosos) é a premissa deste projeto, ajudando-os na gestão das tarefas e demais compromissos que tenham com os idosos.

“Não são só os idosos que lidam com a solidão, por vezes aqueles que cuidam dos mais velhos também vivem muito isolados”, explica António Miguel, membro da equipa que desenvolveu o *site* Cuidar-e e da qual também fizeram parte Pedro Pimentel e Elisabete Serra. Entre as várias valências do Cuidar-e, esta plataforma permite aos cuidadores interagirem entre si e trocar experiências mas também lhes permite aceder a um conjunto alargado de informação sobre subsídios para idosos cujas fórmulas de cálculo e atribuição passam a estar disponíveis de forma simples e prática.

Em segundo lugar ficou classificada a aplicação **XIMI** (de proximidade), que pretende combater a solidão e o sedentarismo dos idosos através da “gamificação” das suas rotinas, criando dinâmicas de interação e convívio. O **Voice Ring**, uma aplicação de gestão de tarefas para idosos autónomos que gera *feedback* instantâneo para os cuidadores acerca da concretização das mesmas, ficou em terceiro lugar.

Os restantes sete finalistas da competição – Stories for good, Ajudada, MEDCRTL, H4PPS, Shopping Volunteers, Pets for Good e Sention – terão acesso igualmente a licenças da IBM para desenvolver os seus projetos.

Em 2017, a experiência repetir-se-á. “O Hack for Good veio para ficar”, anunciou na sessão de encerramento dos trabalhos Artur Santos Silva, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, felicitando todos os participantes pelo excelente desempenho nesta primeira maratona tecnológica com impacto social. FOTOGRAFIAS: RICARDO RODRIGUES DA SILVA



Um protocolo para a promoção da Saúde



O MINISTRO DA SAÚDE ADALBERTO CAMPOS FERNANDES, ARTUR SANTOS SILVA E ISABEL MOTA © MÁRCIA LESSA

No Dia Mundial da Saúde, assinalado a 7 de abril, o Ministério da Saúde e a Fundação Calouste Gulbenkian assinaram um protocolo com o objetivo de promover e reforçar as iniciativas avançadas no Relatório *Um Futuro para a Saúde – Todos temos um papel a desempenhar*, que a Fundação apresentou em 2014.

Este protocolo enquadra a colaboração entre o Ministério da Saúde e a Fundação Calouste Gulbenkian em áreas estratégicas em que a Fundação tem contribuído para melhorar a saúde e as condições de saúde dos portugueses, nomeadamente no que diz respeito a diabetes, infeções hospitalares, saúde mental, literacia em saúde, cuidados paliativos e recursos humanos em Saúde. Esta colaboração poderá estender-se ainda a outras áreas que possam ser consideradas relevantes na promoção da saúde, na prevenção da doença, na disseminação de boas práticas entre os profissionais, na criação de ambientes propícios ao desenvolvimento saudável e ao bem-estar individual, e para a garantia de sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde.

Na cerimónia, o ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, sublinhou que “promover mais e melhor saúde é obrigação do Estado, mas também das instituições e dos cidadãos”. “Em nome do Governo, gostaria de estender o meu mais sincero reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pela Fundação Calouste Gulbenkian na área da Saúde em Portugal ao longo das últimas décadas”, afirmou. Relembrando que parte da atividade filantrópica da Fundação tem sido concentrada em áreas tão diversas como a estruturação do Plano Nacional de Vacinação, a modernização tecnológica dos hospitais públicos, a formação e a qualificação de profissionais, a promoção da investigação biomédica e a reflexão sobre modelos e sistemas de saúde, Artur Santos Silva sublinhou que o apoio da Fundação

Calouste Gulbenkian para o sector da Saúde “totaliza aproximadamente 400 milhões de euros, a preços de 2014, o que para uma instituição privada é especialmente significativo”.

A assinatura deste protocolo integrava-se no programa que assinalava o Dia Mundial da Saúde, este ano centrado no tema da diabetes, e que incluiu também a assinatura de protocolos com outras entidades com vista ao consumo responsável e equilibrado de açúcar.

Um futuro para a Saúde

O relatório *Um Futuro para a Saúde – Todos temos um papel a desempenhar* (FCG, 2014), elaborado por uma comissão de especialistas liderada por Nigel Crisp, antigo CEO do Serviço Nacional de Saúde inglês, identificava problemas concretos e lançava três desafios que a Fundação Gulbenkian viria a assumir: (1) reduzir a incidência das infeções hospitalares; (2) sustentar o crescimento da incidência de diabetes; e (3) ajudar Portugal a tornar-se um exemplo de boas práticas na saúde e no desenvolvimento das crianças dos 0 aos 6 anos (projeto ainda em fase de preparação).

O Desafio Gulbenkian “STOP Infeção Hospitalar” teve início em outubro do ano passado com o objetivo de reduzir em 50 por cento, em três anos, a taxa de infeção (infeção nosocomial da corrente sanguínea associada a cateter vascular central; infeção urinária associada a algiação; pneumonia associada a intubação e infeção do local cirúrgico em cirurgia de prótese da anca, prótese do joelho, cirurgia cólon-reto e vesícula), num grupo de 12 centros e unidades locais de Saúde, diminuindo mortalidade, morbidade, tempos de internamento e custos globais. No grupo de unidades de Saúde que participam neste Desafio Gulbenkian inclui-se a Unidade Local de Saúde do Nordeste, a Unidade Local de Saúde de Matosinhos, o Hospital de Braga, o Hospital Sr.^a da Oliveira (Guimarães), o Centro Hospitalar de S. João, o Instituto Português de Oncologia de Francisco Gentil do Porto, o Centro Hospitalar Cova da Beira, o Centro Hospitalar Lisboa Norte, o Centro Hospitalar Lisboa Central, o Centro Hospitalar Barreiro-Montijo, a Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo e o Serviço de Saúde da Região Autónoma da Madeira.

Também lançado em 2015, o Desafio Gulbenkian “Não à Diabetes!” junta autarquias e instituições de saúde locais, regionais e nacionais, envolvendo toda a sociedade numa iniciativa que pretende combater a progressão da diabetes em Portugal. O projeto quer evitar que 50 mil pré-diabéticos desenvolvam a doença nos próximos cinco anos e visa identificar, no mesmo período, 50 mil diabéticos que desconheçam ser portadores da doença, através de medidas de rastreio, educação para a Saúde e criação de ambientes facilitadores da mudança de estilos de vida e da adoção de melhores hábitos de consumo alimentar. Este projeto, que intervirá em 160 municípios, associa um vasto conjunto de parcerias de instituições públicas e de entidades privadas, como a Associação Nacional de Farmácias, a Merck Sharp & Dohme, a Novartis, a Novo Nordisk e a Fundação Astra Zeneca.



© MÁRCIA LESSA

Projeto sobre infecção hospitalar com resultados “promissores”



O HOSPITAL DE SANTA MARIA (CENTRO HOSPITALAR LISBOA NORTE) INTEGRA O DESAFIO GULBENKIAN “STOP INFEÇÃO HOSPITALAR”

Nos dias 7 e 8 de abril, realizou-se um encontro na Alfândega do Porto que reuniu cerca de 210 profissionais do Serviço Nacional de Saúde (SNS) que participam no Desafio Gulbenkian “STOP Infecção Hospitalar”. Os profissionais de saúde trocaram experiências entre si, num ambiente de aprendizagem conjunta onde foram partilhados resultados e melhorias, com o acompanhamento de seis especialistas internacionais.

Os resultados obtidos até ao momento “são promissores e estão a evoluir como esperado, havendo, no entanto, espaço para otimizar e tornar sustentáveis as melhorias alcançadas”, sublinha Jorge Soares, responsável da Fundação Calouste Gulbenkian que coordena este projeto e que destaca também o compromisso e envolvimento dos conselhos de administração das instituições participantes e dos seus profissionais de Saúde.

O encontro no Porto contou com uma intervenção do ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, que afirmou querer “melhorar muito” os indicadores nacionais das infeções hospitalares, que são “muito maus”, e apelou aos profissionais de saúde para que “partilhem” metodologias para alcançar o objetivo.

“Não teremos um Serviço Nacional de Saúde de sucesso se não tivermos a humildade de reconhecer que a partilha é um ingrediente fundamental

para um sistema de saúde de sucesso”, disse o ministro, que se referiu ao “ambiente de multidisciplinaridade e de entreaajuda” do encontro fazendo “jus àquilo que é uma ambição do SNS, de ser, não apenas mais eficiente, mas mais seguro e mais capaz de lutar contra esta grande ameaça [a infecção hospitalar] que afeta os sistemas de saúde em todo o mundo”.

As dinâmicas desenvolvidas no âmbito deste projeto têm-se baseado na adoção de um pacote de boas práticas (em alinhamento com as recomendações e diretrizes do Programa de Prevenção e Controlo de Infeções e de Resistência aos Antimicrobianos, da Direção-Geral da Saúde e do Ministério da Saúde), a par com medições sistemáticas e monitorização contínua dos resultados.

Este desafio, cujo horizonte temporal é de três anos, pressupõe que, no final deste período, as 12 unidades de Saúde envolvidas se tornem precursoras de uma metodologia e possam “contagiar” outros hospitais em Portugal. Importa destacar que aquele conjunto de unidades de Saúde integra quase duas dezenas de hospitais do SNS responsáveis por cerca de 25-30 por cento do internamento hospitalar no SNS em 2014, (de acordo com dados da Administração Central do Sistema de Saúde de 2015), o que permite perspetivar o impacto que esta iniciativa terá em termos nacionais.

Espaços renovados na Casa de Portugal em Paris

O primeiro-ministro português, António Costa, inaugurou as duas novas salas da Casa de Portugal - André de Gouveia, na Cidade Universitária de Paris, recuperadas com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, sendo responsável do projeto a arquiteta Teresa Nunes da Ponte. António Costa discursou perante uma plateia de mais de uma centena de convidados, composta por diversas personalidades da comunidade portuguesa, em Paris, bem como por vários residentes universitários. Evocou a passagem de artistas portugueses por Paris, como Amadeo de Souza-Cardoso, Fernando Pessoa, Maria Helena Vieira da Silva ou Joana Vasconcelos, realçando o seu contributo para a afirmação da cultura nacional.

“Nesta casa adotámos o nome de André Gouveia, um grande humanista português, antigo reitor da Universidade Sorbonne, que chegou a Paris no século XVI”, declarou António Costa, sublinhando também a ação da delegação portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian, “que agora comemora o seu cinquentenário”.

Na ocasião, o presidente da Fundação, Artur Santos Silva recordou a “clarividência” de José de Azevedo Perdigão, que considerou “decisiva” para a cons-



O ANTIQO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, CAVACO SILVA, MARCOU PRESENÇA NA INAUGURAÇÃO DOS NOVOS ESPAÇOS DA CASA DE PORTUGAL, AO LADO DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO, ARTUR SANTOS SILVA E DA ADMINISTRADORA, ISABEL MOTA.

trução da Casa de Portugal, “que viu na possibilidade de oferecer melhores condições de acolhimento aos estudantes e investigadores portugueses que procuravam Paris, uma maneira de potenciar a ação que a Fundação desenvolvia através da sua política de bolsas de estudo”. Esta ação, sublinhou, constituiu também uma forma de “rasgar caminhos e de dar mais possibilidades à inteligência portuguesa”.

Artur Santos Silva congratulou-se com esta inauguração, o “culminar de um longo processo”, que vai permitir que a Casa de Portugal “passe contar com mais instrumentos para a afirmação da cultura Portuguesa em França”, referindo ainda os nomes, “justíssimos”, atribuídos aos dois espaços - Fernando Pessoa e Maria Helena Vieira da Silva.

O presidente da Fundação terminou com um agradecimento especial à diretora da Casa de Portugal, Ana Paixão, “a quem a cultura portuguesa em França tanto deve” e “sem a qual a Cité ficaria dispensada de uma das residências mais dinâmicas”. O programa dos 50 anos da Delegação em Paris teve o momento alto na inauguração da exposição dedicada a Amadeo de Souza Cardoso no Grand Palais.



O PRIMEIRO MINISTRO PORTUGUÊS ACOMPANHADO PELO PRESIDENTE DA CITÉ INTERNATIONALE MARCEL POCHARD E PELA DIRETORA DA CASA DE PORTUGAL, ANA PAIXÃO (PRIMEIRA, DA ESQUERDA PARA A DIREITA).

Inside a Creative Mind

Em maio, os arquitetos João Luís Carrilho da Graça e Inês Lobo são convidados do ciclo de conferências que fala do processo criativo em arquitetura e que termina no dia 2 de junho com Eduardo Souto de Moura.



JOÃO LUÍS CARRILHO DA GRAÇA © AUGUSTO BRAZIO

Prémio Pessoa em 2008 e Piranesi Prix de Rome em 2010 pela musealização da área arqueológica da praça nova do Castelo de São Jorge em Lisboa, o arquiteto João Luís Carrilho da Graça (Portalegre, 1952) é responsável por projetos como o Pavilhão do Conhecimento dos Mares na Expo'98, as escolas superiores de Música e de Comunicação Social, em Lisboa. No dia 12 de maio, Carrilho da Graça, que também participa este ano na 15.^a Bienal de Arquitetura de Veneza como convidado da mostra principal, vai falar do seu percurso no ciclo de conferências *Inside a Creative Mind*, que tem trazido à Fundação centenas de estudantes de arquitetura.

Entre os projetos de Carrilho da Graça destaca-se ainda o terminal de cruzeiros de Lisboa e o espaço público e estacionamento subterrâneo das Portas do Mar/Campo das Cebolas, ambos em construção, e a Igreja de S.to António e o centro paroquial, em Portalegre, um projeto desenvolvido entre 1993 e 2008 que é apresentado em detalhe na exposição *Inside a Creative Mind*, até 6 de junho na Fundação Calouste Gulbenkian (Sala de Exposições Temporárias da Sede).

CICLO DE CONFERÊNCIAS INSIDE A CREATIVE MIND

*Auditório 2 | 18h30 | Entrada livre sujeita
aos lugares disponíveis*

12 de maio

João Luís Carrilho da Graça

19 de maio

Inês Lobo

2 de junho

Eduardo Souto de Moura



INÊS LOBO © ENRIC VIVES-RUBIO

No dia 19, é a vez de Inês Lobo se apresentar neste ciclo de conferências. Iniciou a sua atividade como arquiteta em 1989 e estabeleceu-se com ateliê próprio em 2002, onde desenvolve atividade contínua nos vários domínios de projeto, com destaque para a obra pública. Nos últimos anos, a sua atividade estendeu-se também à curadoria, tendo sido a responsável pela representação portuguesa na Bienal de Veneza de 2012 e a comissária portuguesa para a VIII edição da BIAU – Bienal Iberoamericana de Arquitetura y Urbanismo. Na exposição *Inside a Creative Mind* apresenta o projeto da biblioteca pública e arquivo municipal em Angra do Heroísmo, ainda em construção.

O último convidado deste ciclo de conferências será Eduardo Souto de Moura, prémio Pritzker em 2011, que estará na Fundação Gulbenkian no dia 2 de junho. Tal como Álvaro Siza Vieira, que também passou por este ciclo, Souto de Moura é um dos pilares da chamada Escola do Porto, autor de projetos emblemáticos como a Casa das Histórias Paula Rego em Cascais, a Casa das Artes no Porto e o Estádio de Braga, entre muitos outros. O segundo Pritzker português, depois da consagração internacional de Siza Vieira em 1992, fechará com chave de ouro este ciclo de entrevistas conduzidas pela professora e investigadora Eduarda Lobato de Faria, que é também a curadora da exposição.



EDUARDO SOUTO MOURA © SOFIA MORO

A floresta amazónica invade o Grande Auditório

No dia 6 de maio, o Grande Auditório recebe a estreia mundial de 3milRIOS, uma ópera multimédia que reflete sobre a acelerada destruição ambiental das florestas tropicais da Amazônia colombiana e brasileira, na costa do Pacífico e nas montanhas dos Andes.

Este trabalho ambicioso, fruto de uma encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian, junta música e vídeo que resultam de um extenso trabalho de campo efetuado durante quatro anos na floresta amazónica. A peça, em três atos, vai levar ao palco a Orquestra Gulbenkian, dirigida por Rui Pinheiro, juntamente com cantoras e percussionistas de Angola, da Colômbia e da República Democrática do Congo. Em entrevista, o compositor Victor Gama explica o processo que resultou na obra que é *3milRIOS*.

O que é 3milRIOS?

É um projeto que surge da necessidade de entrar em contacto com a realidade que se vive nas grandes florestas da Amazônia, na costa colombiana do Pacífico e nas florestas dos Andes. A vontade era também perceber qual o impacto causado por esta nova onda de industrialização que está a atravessar todas as florestas de chuva do mundo. Esse impacto tem grandes e graves consequências para a vida dos habitantes da Amazônia, mas também enormíssimas consequências para o meio ambiente, uma vez que floresta está neste momento numa acelerada fase de destruição e há um risco de colapso do ecossistema. A ideia foi então criar uma peça que contasse, ou que pelo menos abordasse, essa realidade de uma forma que fosse mais profunda, derivada de uma investigação mais completa.

Como decorreu todo o processo de investigação no terreno?

Comecei há quatro anos, embora tenha uma relação com a Colômbia e com a América do Sul há

mais de 20. Quase todos os anos vou à Colômbia e tenho uma espécie de base nos Andes, nas montanhas. Tomei a decisão de tentar criar um projeto que aborda as questões da deflorestação e para isso contei com algumas alianças com organizações locais. Duas delas são organizações artísticas que me convidaram para fazer residências e através das quais consegui estar algum tempo em locais onde normalmente é difícil estar. A outra, que é uma organização importante neste projeto, tem acompanhado o projeto há dois, três anos — é uma organização ambientalista chamada “Amazon Conservation Team”. Com eles pude fazer cerca de sete a oito viagens e passar temporadas de um mês, mês e meio, nesses ecossistemas a tentar perceber o meio, a falar com as pessoas, a conhecer o trabalho desta organização que trabalha com comunidades por vezes bastante remotas. Sem esta parceria, dificilmente seria possível chegar lá.

E qual tem sido a reação das comunidades locais ao processo de deflorestação?

As comunidades conhecem muito bem essa realidade porque as suas histórias são as da colonização, da conquista espanhola e da portuguesa de há 500 anos. Portanto, para eles não é nada de novo, só que em vez de caravelas são as multinacionais e os próprios governos que chegam com planos de construção de barragens hidroelétricas e de perfuração petrolífera. Para eles é o mesmo desrespeito pelos seus direitos e a mesma invasão territorial.



© VICTOR GAMA

Como é que se transforma um trabalho de investigação em arte?

Eu acho que isso só é possível quando há um envolvimento muito intenso e profundo numa realidade. Quando queremos conhecer uma realidade, temos que vivê-la e, a partir daí, trabalhar a parte mais artística. Só é possível se a mente estiver focada nessa realidade, se passar um tempo a conhecer as pessoas, a falar com elas, a envolver-me, a fazer amigos entre essas pessoas, a fazer parte daquele mundo. Dessa forma é possível depois sentar-me e olhar para aqueles vídeos, para o material, para tudo aquilo e deixar que o processo de pôr as coisas a andar tome o seu caminho.

O texto e a partitura da ópera foram também inspirados pelo livro *Cariba Malo* e pelas cerimónias de yagé. Porque é que estes dois elementos também foram importantes na construção da obra?

O Roberto Franco, autor de *Cariba Malo*, era um politólogo e antropólogo colombiano que andava há décadas a estudar os povos que vivem em isola-

mento voluntário na Amazônia, sobretudo na Amazônia colombiana. São aquelas tribos que vivem isoladas e que estamos habituados a ver um pouco como uns índios que estão por lá perdidos e que quando passa uma avioneta atiram flechas. Na realidade, o livro dele desconstrói esse mito e essa ideia preconcebida ao tentar explicar a história de uma tribo em particular, a Yuri, que vive numa região muito próxima da zona onde estive e onde ele trabalhava. Era um povo bastante grande até à chegada dos portugueses e dos espanhóis. Os seus números diminuíram com a tentativa de sobrevivência a esse embate, que foi fatal para muitos desses povos devido à transmissão de doenças e à violência com que eram tratados. Eles foram fazendo um trajeto para o interior, para rios cada vez mais pequenos, cada vez mais isolados, para tentar sobreviver. Algumas dessas tribos encontram-se hoje em lugares remotos, alguns já não tão remotos porque entretanto já lá chegou toda esta vaga de desenvolvimento e de “progresso”. Portanto, ele explica um pouco porque esses povos se isolaram, voluntária ou involuntariamente. Quanto às cerimónias de yagé, que também é conhecido, entre outros

nomes, como “ayahuasca”, são uma janela sobre a cultura da Amazônia. Trata-se de uma bebida que é preparada e que é tomada numa cerimônia em grupo, dirigida por um xamã, normalmente bastante experiente, com os seus assistentes. As pessoas tomam essa bebida, esse preparado, que proporciona um trabalho interior. Muitas vezes permite também ter visões, digamos que proporciona um estado alterado de consciência, mas num contexto de uma cerimônia, com um determinado sentido. Estas cerimônias realmente abrem uma janela para uma cultura ancestral, a cultura dos povos amazônicos. Essa cultura também pode ser muito diversa, mas há algo em comum em todas, que é este modo de vida absolutamente sustentável com a natureza, com a floresta, um conhecimento profundíssimo das plantas, das árvores, dos animais, de tudo aquilo que os rodeia. Participo já há 20 anos em cerimônias destas com alguma regularidade e esse é um dos elementos que influencia a música.

Victor Gama também é conhecido por construir os seus próprios instrumentos. Há instrumentos específicos criados para esta peça?

Não há instrumentos específicos, mas haverá instrumentos meus que agora estão numa fase em que precisam de continuar a desenvolver-se. São objetos complexos e, quando se cria um instrumento, vai ter sempre determinadas limitações, apesar de poder ser ótimo num determinado momento. Nesta altura, estou mais focado no desenvolvimento de instrumentos que já foram previamente criados e desenhados. Para esta peça trago mais um passo nesse desenvolvimento, sobretudo para dois deles, a toha e o acrux. São instrumentos com que trabalhei quando estive seis meses na Universidade de Stanford, entre 2014 e 2015, no CCRMA (Center for Computer Research in Music and Acoustics). Esse período proporcionou uma oportunidade para voltar a trabalhar nesses instrumentos e também para trabalhar aspectos técnicos da peça, nomeadamente todo a questão do som *surround* que vamos utilizar no Grande Auditório.



VICTOR GAMA © NAJIB NAFIB

Conferência 3milRIOS

No dia 4 de maio, no Auditório 3, haverá uma conferência com o objetivo de contextualizar a temática de 3milRIOS e proporcionar ao público um maior enfoque sobre as questões ambientais e sociais que estão na origem do projeto. Os temas abordados vão passar pelo impacto ambiental e social de projetos como a construção de barragens hidroelétricas e a prospeção petrolífera; os processos de legalização e restituição de territórios indígenas ancestrais e as razões que levaram uma organização ambientalista a apoiar uma ópera. A conferência terá a presença de Victor Gama, Carolina Gil, diretora da Amazon Conservation Team (ACT) e a antropóloga Maria Inês Palacios, também da ACT.

Tapetes viajantes

Um admirável conjunto de tapetes Kum Kapi dos séculos XIX-XX da coleção Gulbenkian será mostrado lado a lado com um tapete contemporâneo da autoria de Mehkitar Garabedian, um dos artistas representados no Pavilhão da Arménia da última edição da Bienal de Veneza.

Os tapetes Kum Kapi (em turco “porta de areia”) devem o seu nome a um bairro de Istambul onde, no século XIX, se fixaram vários mestres arménios que produziram luxuosos exemplares de nó em seda, com fios metálicos, inspirados nos tapetes persas clássicos dos séculos XVI e XVII. A excelente qualidade técnica e a riqueza dos materiais utilizados deram origem a verdadeiras preciosidades, produzidas entre 1890 e 1930, que contrastavam com as condições precárias em que eram realizadas.

Um dos mais prestigiados mestres deste tipo de tapetes foi Hagop Kapoudjian (c. 1870-1946), autor de três das quatro peças agora em exposição. Nascido na Turquia, estabeleceu-se em Paris no início do século XX, tendo sido responsável pelo restauro de alguns dos mais importantes exemplares persas da coleção de Calouste Gulbenkian. Além de reputado restaurador, Hagop foi também um exímio tapeceiro, dedicando-se ao estudo dos padrões dos tapetes persas do período safávida (séculos XVI e XVII) e criando, a partir deles, os seus próprios desenhos. Muitos dos seus tapetes são assinados em arménio, o que era pouco habitual devido às perseguições de que este povo foi alvo na altura.

Mekhitar Garabedian, de origem arménia, é um artista contemporâneo oriundo da Síria (n. 1977, Alepo) e a residir em Gant, na Bélgica. Garabedian apresenta duas obras que evocam exercícios de aprendizagem do alfabeto arménio, aqui materializados num tapete de nó e desenhados diretamente na parede da galeria. Esta mostra põe lado a lado dois artistas de épocas e lugares diferentes que partilham um passado comum, estabelecendo um diálogo entre tradição e contemporaneidade, continuidade e reinvenção e evidenciando de forma surpreendente a relação entre o tapete e a viagem que aqui é, mais do que nunca, associada à diáspora arménia.

Em torno desta mostra terá lugar, este mês, uma conversa com as curadoras Clara Serra e Rita Fabiana, no sábado, dia 14, às 15h30, e duas visitas guiadas, nos dias 21 e 28 de maio, às 15h.



TAPETE KUM KAPI, HAGOP KAPOUDJIAN (1870-1946)
© MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN FOTO: CARLOS AZEVEDO

TAPETES VIAJANTES NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Curadoria: Clara Serra e Rita Fabiana

Museu Calouste Gulbenkian,
Galeria de Exposições Temporárias
13 maio – 19 setembro

O regresso de Amadeo

Cerca de um século após o seu desaparecimento, Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918) é a figura central de uma exposição apresentada em Paris, no Grand Palais, que reúne o melhor da sua produção, bem como de artistas de quem foi próximo, como Modigliani, Brancusi ou o casal Delaunay.

Uma fotografia monumental de Amadeo de Sousa-Cardoso, de olhar penetrante e mão pousada no colete, em pose estudada, recebe os visitantes à entrada da exposição no Grand Palais. Uma citação, a vermelho, no corpo da fotografia, interpela, de um modo incisivo, o visitante: "Tenho mais fases do que a lua." Está dado o mote para a descoberta de um dos segredos mais bem guardados da arte moderna. Ao contrário do que habitualmente sucede nesta emblemática sala de exposições da capital parisiense, o artista apresentado é praticamente desconhecido do público internacional. Por isso, no dia da inauguração foi com curiosidade redobrada que os visitantes se aproximaram das obras, tentando descobrir este português, singular intérprete das vanguardas parisienses do princípio do século XX que a história da arte internacional não registou.

Presente na inauguração, o primeiro-ministro português, António Costa congratulou-se por esta "oportunidade extraordinária" que acredita poder contribuir para "afirmar e valorizar a imagem de Portugal em França". Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian, realçou também, na altura, a importância da divulgação internacional "num lugar digno", daquele que considera ser "o maior pintor português de todos os tempos". A ministra da Família, da Criança e dos Direitos das Mulheres francesa, Laurence Rossignol, a presidente da Câmara de Paris, Anne Hidalgo, o embaixador de Portugal em França bem como inúmeras figuras portuguesas e francesas ligadas à cultura, marcaram também presença na inauguração.



O PRIMEIRO-MINISTRO PORTUGUÊS, ANTÓNIO COSTA, NA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO ACOMPANHADO PELA MINISTRA FRANCESA DA FAMÍLIA, LAURENCE ROSSIGNOL, PELA PRESIDENTE DA CÂMARA DE PARIS, ANNE HIDALGO, E PELO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, ARTUR SANTOS SILVA.



“Um capítulo novo na história da arte”

O diretor científico do Grand Palais, Laurent Salomé, era um anfitrião orgulhoso da descoberta e da decisão de ter aberto as portas a um artista que já tinha exposto no Grand Palais, em 1912, no X Salon d'Automne, numa altura em que desenvolvia um fervilhante diálogo criativo com artistas como Modigliani, Brancusi e Robert e Sonia Delaunay, também representados na exposição. “É incrível imaginar que uma produção artística tão importante tenha caído no esquecimento”, salientou na ocasião, sublinhando o “momento raro e a oportunidade importante” que esta apresentação representa para o Grand Palais “É uma forma de trazer luz a um capítulo completamente novo da História da Arte porque Amadeo é um artista que teve um papel essencial nas vanguardas artísticas, antes da I Guerra Mundial.”

Helena de Freitas, curadora desta exposição e uma das maiores especialistas da obra de Amadeo, há muito que vinha realçando a sensibilidade, a inteligência e a coragem de Laurent Salomé, que tornaram possível esta mostra. A proposta que lhe foi feita para comemorar os 50 anos da presença em França da Fundação Gulbenkian foi acolhida com grande entusiasmo, após um período de perplexidade inicial, em que, por várias vezes, ao folhear as páginas dos catálogos que lhe foram apresentados, exclamou: “Como é possível não conhecer este artista?” Seguiram-se várias viagens a Portugal para ver de perto as obras do artista espalhadas por vários museus, em especial, no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian e no Museu Amadeo de Souza-Cardoso de Amarante, assim como por várias coleções privadas.

A maior aventura plástica portuguesa

À direita da fotografia de Amadeo que domina a entrada da exposição, um vídeo vai revelando vários momentos da vida do artista, desde a infância à idade adulta, dando conta dos diversos locais onde viveu e trabalhou: Manhufe, Espinho, Paris, Bretanha. Na parede, uma cronologia da sua vida situa o visitante no tempo, dando-lhe o enquadramento



e as coordenadas dos momentos cruciais da sua vida e do seu processo criativo. Nessa mesma sala expõem-se algumas caricaturas (a primeira expressão criativa do artista), bem como alguns documentos do seu arquivo pessoal, correspondência trocada, convites e catálogos de exposições que realizou.

Logo após este primeiro contacto com o artista, a sala seguinte confronta o visitante com três obras-primas, todas elas pertencentes à coleção do Art Institute de Chicago, exibidas em 1913, no Armory Show, a célebre exposição internacional de arte moderna, apresentada em Nova Iorque, Chicago e Boston. Helena de Freitas não teve dúvidas: quis mostrar, logo a abrir, um conjunto de três obras fulgurantes de Amadeo e que há mais de três décadas não eram apresentadas lado a lado. “Sem seguir uma orientação cronológica, a exposição começa com obras excecionais que revelam um artista internacional no centro das vanguardas criativas do seu tempo, mas que se recusava em consciência a pertencer a escolas e correntes”, revela a curadora.

Uma sinfonia de luz em 13 andamentos

Dividida em diversos núcleos que se estendem por várias salas, a exposição é fiel ao espírito livre do artista (“Nem a mim mesmo me imito”, escreveu um dia), revelando uma obra difícil de enquadrar à luz da grelha interpretativa das correntes da época: cubismo, futurismo, orfismo. No entanto, antevê a curadora, “a leitura que os visitantes tenderão a fazer destas obras será condicionada pelos movimentos artísticos aos quais Amadeo não queria pertencer”.

Nos seus 13 núcleos, esta mostra revela a estonteante capacidade de Amadeo de utilizar várias linguagens, trabalhando-as e incorporando-as de um modo eclético e singular. Os temas que explora, quer os próximos como a paisagem (montanhas de Manhufe), a cultura popular, a natureza-morta, quer os mais longínquos como os temas medievais ou japoneses, sucedem-se de um modo vertiginoso.

A meio do percurso expositivo, uma sala exhibe, em *loop*, um vídeo da autoria do artista Nuno Cera, inspirado na obra de Amadeo, revisitando os seus lugares e paisagens naturais e culturais. A última sala da exposição apresenta a sua produção mais fulgurante,

realizada no final da vida (incluindo uma colagem inédita) e que acabou por se tornar invisível após a sua morte prematura aos 30 anos, a qual, lamenta Helena de Freitas, "cortou um fio de luz que brilhava intensamente". A viúva, Lucie Pecetto, quis manter essa luz bem perto de si, guardando todas essas obras em sua casa, sempre na esperança de as colocar num museu de prestígio, acabando por as afastar de um mundo que foi progressivamente esquecendo o artista. O período sombrio da ditadura, em Portugal, também não ajudou a que esta luz continuasse a brilhar. "Todas estas circunstâncias contribuíram para que Amadeo se convertesse num mito, numa lenda, mais do que uma realidade" afirma Helena de Freitas. "Só se manteve vivo porque os artistas portugueses nunca desistiram de reclamar a sua presença. Só que entretanto a história da arte internacional já estava escrita sem a presença de Amadeo." Chegou o momento de reescrever a história, resgatando a sua fulgurante obra do esquecimento?

Programação paralela

Em torno da exposição terá lugar, este mês, e uma conferência proferida por Maria Filomena Molder sobre Amadeo e Flaubert, a propósito da ilustração de *La Légende de saint Julien l'Hospitalier* (11 maio, 18h30) seguida de uma palestra de Fernando Cabral Martins sobre o futurismo modernista português (18 maio, 18h30). Em junho, o artista Pedro Cabrita Reis e o realizador Christoph Fonseca conversam sobre Amadeo hoje, com moderação de Jean-François Chougnnet, diretor do Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo (1 junho, 18h30). Está ainda prevista a exibição de um pequeno ciclo de filmes portugueses a realizar no Auditório do Grand Palais. Depois do filme de Paulo Rocha, *Máscara de Aço contra Abismo Azul*, exibido em abril, seguem-se *Viagem ao princípio do mundo*, de Manoel de Oliveira (13 maio, 12h00), *Se eu fosse ladrão... roubava*, de Paulo Rocha (20 maio, 12h) e *Querido mês de agosto*, de Miguel Gomes (3 junho, 12h).

O filme oficial da exposição realizado por Christoph Fonseca terá exposições regulares durante a semana. Produzido com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Caixa Geral de Depósitos, Fidelidade e município e Museu Amadeo de Souza-Cardoso de Amarante, este documentário foi apresentado no mês de abril, em antestreia, na Fundação Gulbenkian para uma plateia de 1200 pessoas. Com uma realização estética, sóbria e elegante, à imagem da própria personagem, o documentário percorre os vários lugares onde Amadeo viveu, que inspiraram e enquadraram a sua obra: Amarante, Lisboa, Paris, Nova Iorque e Chicago, evidenciando a cor e o movimento, tão importantes no seu trabalho.

Este filme foi exibido, em horário nobre, na RTP, no dia da abertura da exposição do Grand Palais e em França será projetado no canal France 5 a **8 de maio**. A sua posterior exibição nos canais da France television e na sua rede internacional fará chegar este documentário a cerca 180 países.

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO (1887-1918)

Curadora: Helena de Freitas

Quinta a segunda-feira, das 10h às 20h

Quarta, das 10h às 22h

Bilhetes a 13 euros

Até 18 julho

GRAND PALAIS, PARIS



O universalismo da arquitetura portuguesa

Até 29 de agosto, a faceta da cultura contemporânea portuguesa com maior relevância e projeção internacional mostra-se em Paris. Na inauguração, a 12 de abril, estiveram os arquitetos portugueses que já deixaram, e continuam a deixar, a sua marca na história.

“Não há outra profissão que tenha obtido tanto prestígio internacional. A arquitetura é o que Portugal tem de melhor”, disse Artur Santos Silva na abertura do colóquio sobre arquitetura portuguesa que, numa segunda-feira de abril logo pela manhã, encheu o auditório da Cité de l’architecture et du patrimoine, com vista para a Torre Eiffel. O colóquio que contou com a participação de Álvaro Siza Vieira, Alexandre Alves Costa, Eduardo Souto de Moura, Gonçalo Byrne, João Luís Carrilho da Graça e Manuel Aires Mateus, entre outros, serviu como aperitivo para a inauguração da exposição *Les universalistes. 50 ans d’architecture portugaise*, no dia seguinte.



NUNO PORTAS, ALEXANDRE ALVES COSTA E ÁLVARO SIZA VIEIRA NA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO © CHANGE IS GOOD



ASPETO DA EXPOSIÇÃO © CHANGE IS GOOD

Nessa manhã foi invocado Miguel Torga – “o universal é o local sem paredes” –, primeiro pelo presidente da Cité de l’architecture, Guy Amsellem, depois por Nuno Grande, curador da exposição *Les universalistes*, que tem título “com u minúsculo”, como faz questão de sublinhar, para que não se confunda com o Universalismo “inventado” pelos iluministas no século XVIII. “Nas palavras de Eduardo Lourenço, o nosso universalismo é feito da relação com o outro”, esclarece o curador.

Ao longo do colóquio, as intervenções dos arquitetos portugueses foram sendo atentamente seguidas por cerca de duas centenas de estudantes franceses de Arquitetura e outros interessados na disciplina. Falou-se muito do momento político marcante para o país e para arquitetura portuguesa que foi o processo SAAL, no Porto, e de outros projetos que tinham como finalidade proporcionar habitações dignas a toda a população no rescaldo da Revolução de Abril, uma iniciativa do então secretário de Estado da Habitação Nuno Portas, que também marcou presença no colóquio.

“As discussões sobre a funcionalidade das casas tornaram-se discussões sobre a cidade”, recordou Siza. Com modéstia e humor, numa atitude que contrasta com o protagonismo das grandes estrelas da arquitetura mundial, o primeiro Priztker português fez uma viagem ao passado, acompanhado de Alexandre Alves Costa, para narrar episódios e algumas experiências insólitas daquele período, como a vez em que no calor da discussão de uma das assembleias o cabelo de Siza pegou fogo por causa de um cigarro. Uma recordação, entre várias, que arrancou gargalhadas do público presente no auditório.

Existe uma arquitetura especificamente portuguesa?

A questão, pouco pacífica, foi colocada várias vezes durante o colóquio e pelos jornalistas franceses que visitaram a exposição no dia da inauguração. Nenhuma resposta linear foi avançada. Falou-se antes de um modo português de fazer arquitetura com “a capacidade de adequação ao lugar e à vida das pessoas”, na definição de Eduardo Souto de Moura.

A comprová-lo está a exposição que abre com a sede da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, construída entre 1959 e 1969, projeto inserido no primeiro dos cinco momentos da exposição. Seguem-se muitos outros projetos num percurso cronológico que desenha um U ao longo da galeria (dir-se-ia que em homenagem ao “universalismo” da exposição), totalizando 50 projetos do último meio século em que o universalismo da arquitetura portuguesa se relaciona com o internacionalismo, o colonialismo, a revolução, o europeísmo, e finalmente a globalização.

Alguns projetos são mais conhecidos do público (português), outros poderão constituir uma surpresa, como são os casos da Igreja da “Sagrada Família” (1960-64), de Amâncio (Pancho) Guedes, em Machava, Moçambique; da estação ferroviária da Beira (1959-66), de João Garizo do Carmo, Francisco José de Castro e Paulo Melo Sampaio, em Moçambique; ou do Liceu do Lobito (1962-66), de Francisco Castro Rodrigues, em Angola, projetos esteticamente arrojados que foram construídos nas chamadas “províncias ultramarinas” e que esta exposição vai resgatar ao esquecimento.

Mas não é exclusivamente de projetos de arquitetura que se faz esta exposição. Há muito mais para ver, e que também ajuda a compreender. Para além das fotografias das obras, dos desenhos, das maquetes (feitas por alunos de arquitetura da Universidade de Coimbra) e dos textos explicativos, estão lá as palavras de Eduardo Lourenço, numa entrevista em vídeo que inspira e “apadrinha” a exposição.

A conceção multimédia, da responsabilidade de uma equipa de que faz parte o *designer* português José Albergaria, radicado em Paris, conta também com as fotografias de Alfredo Cunha e os desenhos de João Abel Manta, que permitem situar os projetos apresentados em relação com os momentos políticos mais marcantes dos últimos 50 anos. Há ainda projeção contínua e paralela de entrevistas em vídeo com críticos de arquitetura portugueses, como Ana Tostões, Ana Vaz Milheiro, José António Bandeirinha, Jorge Figueira e Ricardo Carvalho, e com quatro críticos franceses: Jean-Louis Cohen, Jacques Lucan, Dominique Machabert e Francis Rambert.

LES UNIVERSALISTES. 50 ANS D'ARCHITECTURE PORTUGAISE

Autoria e Curadoria: Nuno Grande
Quarta a segunda-feira, das 11h às 19h
Quinta-feira até às 21h
Bilhetes a 5 euros

Até 29 agosto

CITÉ DE L'ARCHITECTURE & DU PATRIMOINE, PARIS

Molière: A escrita encenada



ASPECTO DA EXPOSIÇÃO © CARLOS AZEVEDO

Um raro exemplar da primeira edição ilustrada de *Les Oeuvres de Monsieur Molière*, datada de 1682, está atualmente em exposição numa ala do Museu Gulbenkian, lado a lado com valiosas edições do grande dramaturgo francês adquiridas por Calouste Gulbenkian ao longo dos anos. Conservadas habitualmente nas reservas, os visitantes têm agora a oportunidade de admirar quatro luxuosas edições de obras que marcaram decididamente a história do teatro.

Molière usou a palavra para expressar os mais diversos estados de alma, utilizando a comédia e a sátira como géneros privilegiados de expressão, mantendo uma surpreendente atualidade enquanto crítica dos costumes. A 1.^a edição da obra é profundamente ilustrada com desenhos e gravuras que conferem vida às personagens de Molière.

Esta pequena exposição foi inaugurada no Dia Mundial do Livro e do Direito de Autor e estará patente até dia 25 de julho, sendo pretexto para uma animada programação paralela em torno desta inolvidável figura da literatura mundial. Responsável por este projeto, João Carvalho Dias, conservador do Museu, guiará **duas visitas a esta mostra (5/5 e 9/6, às 15h)**, nas quais vai explorar o universo teatral de Molière e a genialidade da sua escrita.

Trupe de liceu

Mas para pôr à prova a atualidade de um clássico como Molière, foi lançado um desafio a um grupo de teatro de liceu de Lisboa. Este desafio, que culminará numa leitura encenada aberta ao público, pretende encorajar os jovens a procurar o sentido da obra de Molière nos dias de hoje e a encontrar semelhanças entre as

personagens tipificadas daquela época e as da sociedade atual. Sendo considerado um crítico por excelência, será interessante entender o modo como a obra de Molière poderá encontrar sentido e nova vida nos corpos e nas vozes destes alunos. A seleção de textos e encenação é de Catarina Requeijo e a interpretação estará a cargo do Grupo de Teatro da Escola Secundária Rainha Dona Leonor. **As apresentações realizam-se na Sala de Renascimento do Museu Gulbenkian nos dias 5, 18 e 21 deste mês.**

Ao mesmo tempo e para um público ainda mais jovem, têm lugar oficinas inspiradas na obra de Molière *TOC-TOC-TOC... Silêncio, que o espetáculo vai começar!*, concebidas e orientadas por Ana João Romana, Margarida Sousa e Paula Ribeiro.

Mais informações em www.gulbenkian.pt/descobrir

Hein Semke.

Um Alemão em Lisboa

Em 1966, Semke expõe no Palácio Foz, em Lisboa, um grande conjunto de monotipias e colagens, numa exposição muito importante para o seu ressurgimento como artista na década de 1960, após ter abandonado a cerâmica devido a uma silicose. Por essa ocasião, António Valdemar publica um artigo fundamental, intitulado “Um encontro com Hein Semke, o artista que expôs no Palácio Foz uma centena de monotipias, síntese das várias modalidades plásticas que praticou ao longo da sua carreira” (*Diário de Lisboa*, 03-03-1966), no qual investiga em maior profundidade o artista e a sua obra.

Na realidade, a exposição constava de monotipias e de colagens e o artista dava asas à sua liberdade criadora, o que não podia deixar de surpreender o público lisboeta pela profusão pouco habitual de cor e de materiais diversos que o artista utilizava para dar forma sobre o papel ao seu universo habitual.

Sobre os trabalhos expostos, Semke explica a António Valdemar: “São uma síntese de todas as atividades a que me tenho dedicado.” O jornalista diz que representam “um processo mais flagrante de conhecer Hein Semke”, sendo “testes psicológicos diários”. Valdemar visita Semke no seu ateliê na Praça António Sardinha, onde tem oportunidade de ver o *Livro de Karin*, “um enorme livro de monotipias”. Retomando o célebre epíteto de Paul Claudel a Rimbaud, descreve então Semke como “um místico em estado selvagem numa cave da Penha de França”, ao mesmo tempo que sublinha a extraordinária vitalidade e frescura de espírito do artista, que mantinha “essa exacerbada vivência a um passo dos 70 anos”. De facto, a capacidade de renovação artística ao longo da vida foi um dos traços fundamentais de Semke, visível sobretudo a partir desta data charneira de 1965, altura em que claramente refloresce e em que a sua produção se torna transbordante – mas na verdade sempre o foi, nas décadas anteriores quando se dedicara à escultura e à cerâmica mas em que sempre produzira muito trabalho sobre o papel, explorando possibilidades que executaria tridimensionalmente ou trabalhos puramente experimentais, que não passaria a outro suporte.

É interessante verificarmos que Semke manteve a produção de colagem até à década de 1980 e que nessa técnica incorpora uma imagética peculiar que desenvolvera em xilogravura sobre papel na década anterior. Realizada com recortes de papel de feltro, as figuras híbridas, de peixes antropomorfizados, nesta colagem de 1981, afrontam-se encerradas nos seus respetivos espaços negros, separados por uma luminosa facha laranja onde se ergue um obelisco totémico que evoca a forma de um torso sobre o qual se inscrevem formas oblongas. O escultor Semke joga com a cor para criar profundidade e dinamizar a nossa relação visual com o desenho-colagem criado. **Ana Vasconcelos**

HEIN SEMKE, SEM TÍTULO, 1981





HEIN SEMKE.
UM ALEMÃO EM LISBOA

Curadora: Ana Vasconcelos

Até 13 junho 2016
CAM

Vergílio Ferreira e Federico García Lorca



Este ano, a revista *Colóquio/Letras* não podia deixar de celebrar o centenário do nascimento de Vergílio Ferreira, autor de uma das mais significativas obras da segunda metade do século XX, na dupla vertente de romancista e de filósofo. Neste novo número são apresentadas diversas perspetivas da sua escrita ficcional, incluindo a análise das notas com que sublinhava os seus livros de eleição, com destaque para as obras de André Malraux a quem dedicou um importante estudo.

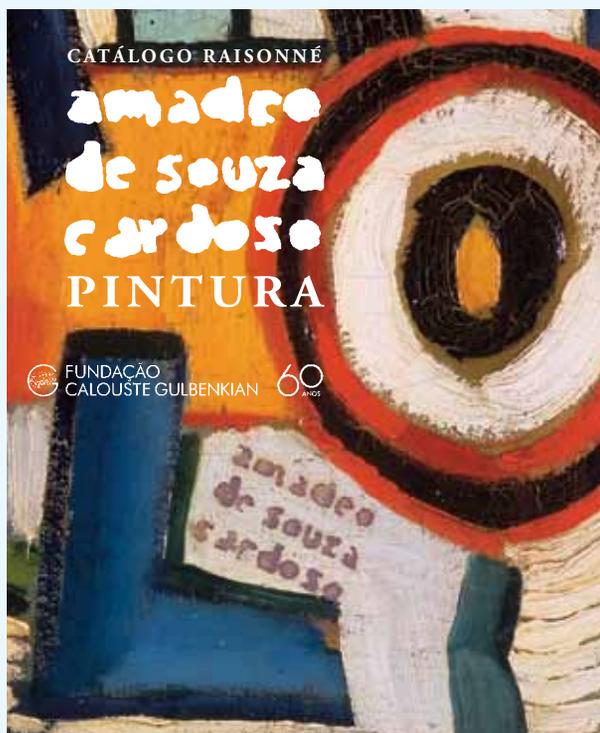
Ainda em 2016, cumprem-se 80 anos sobre o início da Guerra Civil de Espanha, um dos mais sangrentos conflitos do século XX. Encarna Alonso, da Universidade de Granada, colabora na evocação de Federico García Lorca que, no ano de 1936 e nessa mesma cidade, foi capturado e fuzilado pelas forças que se levantaram contra a República. Tal assassinato teve um amplo eco em Portugal, justificando-se inteiramente esta memória de um poeta que tanto influenciou, com a sua escrita luminosa e límpida, a poesia de Eugénio de Andrade, seu tradutor.

O volume agora lançado reúne também dois estudos sobre a literatura para a infância e a poesia de Manuel António Pina, um artigo sobre o fascínio de Fernando Pessoa pelo esoterismo e uma análise de um conto de Mário de Carvalho em interlocução com Jorge Luis Borges.

O número 192 inclui ainda páginas inéditas de ficção de Isabel Rio Novo e ilustrações de Luis Manuel Gaspar.

Amadeo reeditado

Catálogo raisonné com nova edição



Os dois volumes que compõem o catálogo raisonné de Amadeo de Souza-Cardoso – Fotobiografia e Pintura – foram reeditados pela Fundação Gulbenkian, desta vez com tradução em francês e inglês, assinalando a grande exposição que o Grand Palais apresenta até 18 de julho.

Ambos os livros resultam de um trabalho de investigação iniciado em 2001 por uma equipa constituída para o efeito, coordenada por Helena de Freitas e com a destacada colaboração de António Cardoso, diretor do Museu de Amarante. A Fotobiografia nasceu de vários fundos documentais, onde se destaca o espólio de Amadeo depositado na Biblioteca de Arte da Fundação, proveniente da doação da sua viúva ao Centro de Arte Moderna. Só neste espólio estão inventariados e classificados cerca de 2400 documentos – fotografias, cartas, agendas, livros do artista, e outra documentação avulsa. Simultaneamente, a pesquisa em torno de arquivos internacionais veio confirmar o lugar de Amadeo no centro das vanguardas artísticas internacionais.

O volume dedicado à Pintura apresenta um total de 209 pinturas catalogadas e ainda textos dos seguintes autores: Helena de Freitas, António Cardoso, Maria João Melo, Márcia Vilarigues, Sara Babo e Catarina Alfaro. É ainda publicada uma seleção de textos e depoimentos de artistas plásticos sobre a obra de Amadeo de Souza-Cardoso.

Impressões

Este still do documentário Amadeo de Souza Cardoso: O último segredo da arte moderna, realizado por Christophe Fonseca, é revelador da estética do realizador, que percorreu os vários lugares onde Amadeo viveu e trabalhou: Amarante, Lisboa, Nova Iorque e Chicago e, com especial destaque, Paris. Recorrendo a uma óbvia montagem, nesta imagem Amadeo surge com a Torre Eiffel no horizonte, o mais emblemático ícone da cidade onde chegou pela primeira vez no dia em que completou 19 anos.

Na capital francesa, o artista viveu, com grande fulgor, a aventura da vanguarda modernista parisiense e conviveu com artistas maiores como Modigliani, Brancusi, e o casal Sonia e Robert Delaunay, entre outros. Este filme é uma produção franco-portuguesa realizada a pretexto da grande exposição dedicada a Amadeo, que o Grand Palais apresenta até ao dia 18 de julho e será difundido em mais de uma centena de países do mundo. O filme será exibido no Anfiteatro ao ar livre dia 30 de junho às 22h.





FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

Av. de Berna, 45A
1067-001 Lisboa
www.gulbenkian.pt